



Declaração sobre Sexualidade Humana

1. Reconhecemos que o matrimônio cristão, entre um homem e uma mulher, é o padrão imutável estabelecido por Deus desde a criação (Gn 1:27; 2:24), confirmado e santificado por Nosso Senhor Jesus Cristo (Mt 19:4–6; Mc 10:6–9) e testemunhado de forma contínua pela Igreja ao longo dos séculos. O matrimônio é mais do que um contrato humano: é um dom divino, no qual o homem e a mulher são unidos em uma aliança de amor fiel, que reflete o mistério da união entre Cristo e a sua Igreja (Ef 5:31–32).

Neste santo vínculo, a intimidade sexual encontra o seu lugar apropriado e ordenado por Deus, tornando-se expressão legítima da entrega recíproca dos cônjuges, aberta à dádiva da vida e enraizada na fidelidade. Assim, o matrimônio constitui não apenas a base sólida da família, mas também um sinal visível do amor criador e redentor de Deus no mundo.

2. Declaramos que todo desvio do padrão revelado por Deus para a sexualidade humana — seja a infidelidade conjugal ou qualquer forma de intimidade sexual fora da aliança matrimonial entre um homem e uma mulher — constitui pecado e afronta à santidade do Senhor. Tais práticas não apenas ferem a dignidade da pessoa humana, criada à imagem de Deus, mas também corrompem o testemunho da Igreja e desviam-se da finalidade própria para a vida da família.

3. Declaramos ainda que aqueles, sejam clérigos ou leigos, que vivem de forma explícita e persistente em contrariedade ao padrão moral ordenado por Deus para a sexualidade não podem assumir funções de liderança, ensino ou representatividade em nossas igrejas. Entendemos que essa restrição não é expressão de exclusão arbitrária, mas de zelo pastoral, a fim de evitar ambiguidades ou desorientação, quanto ao testemunho público da Igreja e quanto ao padrão bíblico de vida familiar e comunitária. Nossa compromisso é



preservar a clareza e evitar obscuridades, a fim de que nossas práticas não comprometam o anúncio do Evangelho nem a integridade do rebanho de Cristo, sempre chamando todos ao arrependimento e à vida nova em conformidade com a Palavra de Deus.

4. Reconhecemos que não somos chamados a viver segundo nossas próprias forças. Por isso, suplicamos a Deus que, pela ação do Espírito Santo, nos conceda força, coragem e perseverança para viver de modo santo e fiel à vocação recebida: guardando a fidelidade conjugal ao longo de toda a vida e a abstinência sexual para aqueles que não são casados. Cremos que, pela graça de Cristo, todo discípulo pode ser sustentado e capacitado a andar em santidade, como sinal visível do Reino de Deus no mundo.

5. Reconhecemos também que todos nós, como membros da humanidade caída, carregamos feridas, tentações e, muitas vezes, quedas no âmbito da sexualidade. Contudo, proclamamos com firmeza que em Cristo há perdão abundante, restauração verdadeira e poder transformador para uma vida de santidade. O sangue de Jesus purifica de todo pecado (1Jo 1:7), e o Espírito Santo renova a mente e o coração, tornando possível viver segundo a vontade de Deus.

6. Afirmamos a clara distinção entre o desejo e a prática do pecado. A luta contra inclinações desordenadas não é privilégio de um grupo específico, mas a condição comum de todos nós, pois todos enfrentamos tentações contrárias ao padrão santo de Deus. Assim, qualquer pessoa que, com sinceridade, combate desejos contrários à vontade divina deve ser vista como irmão ou irmã em Cristo, igualmente engajado na batalha espiritual.

7. Por isso, diferenciamos entre a inclinação homoafetiva e a prática homoafetiva: uma coisa é enfrentar lutas nessa área, buscando viver em obediência ao Senhor; outra, distinta, é adotar deliberadamente tal prática, rejeitando o ensinamento bíblico. O que rejeitamos não é a pessoa, mas a prática deliberada do pecado —



em qualquer de suas formas — como se pudesse ser conciliada com a vida cristã madura.

8. Acolhemos todos aqueles que buscam seguir a Cristo, e nos comprometemos a ensinar, encorajar e acompanhar pastoralmente cada fiel a crescer na fé e na moralidade cristã. Não fazemos acepção de pessoas, mas tratamos todo pecado como algo que deve ser confessado, abandonado e redimido pela graça de Deus, para que a vida nova em Cristo se manifeste plenamente.

9. Por isso, como Igreja, comprometemo-nos a ser uma comunidade que acolhe com compaixão os que lutam, ensina com clareza a verdade revelada e acompanha pastoralmente todos os que desejam seguir a Cristo com integridade. Nosso chamado não é à condenação, mas ao discipulado; não ao silêncio diante do pecado, mas ao anúncio da graça que liberta; não ao abandono dos feridos, mas ao cuidado paciente que conduz à maturidade em Cristo.

10. Assim, reafirmamos que a Igreja é lugar de misericórdia e de verdade, de cura e de discipulado, onde cada pessoa pode experimentar o poder redentor do Evangelho em todas as dimensões da vida, inclusive na sexualidade.

+Revmo. Eric Rodrigues

Vitória, 03 de outubro de 2025

Tempo comum - ano do Senhor.